

## Uma questão de gramática?

O leitor que tem seguido pacientemente estas últimas crónicas musicais há-de ter reparado numa tônica: uma crítica (sim, por vezes implacável), dos públicos musicais e do estado da cultura musical no país: que o público não sabe fazer isto ou aquilo, que se manifesta quando não deve e não se manifesta quando deve, etc. Também já se abordaram as caricatas "falas" musicais de públicas figuras, tema sempre actual, e os erros (para não lhes chamar outra coisa) de jornalistas quando abordam assuntos musicais. Insisto: existe em Portugal uma "questão musical".

Há dias, um músico profissional, director de um Coro, expressava deste modo o seu desejo não concretizado em relação aos coralistas: "uns têm boa voz, mas não sabem ler música, outros lêem música mas não têm voz!". E sobre um Coro constituído por profissionais: "falta-lhes gramática!". Eu penso que é difícil manter uma posição de equilíbrio. Até porque se trata de uma questão de saberes, de técnicas, e sobre isto continua a haver dificuldades em fazer consensos. Mas já agora, deixe-me o caro leitor relatar-lhe a seguinte experiência que vem a propósito: passei um dos últimos natais na Holanda. Ora, o leitor está mesmo a ver onde eu quero chegar, não é? Pois, durante essa curta semana pude assistir pela televisão generalista (como se diz agora) a vários concertos de Natal. Até que num deles, com o mais que famoso "O Messias", de Haendel, comecei a notar algo que para mim era estranho: isto é, havia a orquestra, é claro, o coro com as suas partituras na mão, é óbvio, mas depois na plateia havia também uma multidão com partituras e dois maestros dispostos estrategicamente em redor do público. E não tive mão em mim que não interrogasse um súbdito da rainha Juliana sentado a meu lado. Eis a explicação: "aprende-se na Escola. Eu próprio ainda sei cantar algumas passagens". E o antigo oficial da marinha mercante holandesa começa a acompanhar o concerto televisivo! Eu repito: o antigo oficial da marinha mercante holandesa pôs-se a cantar passagens de "O Messias", de Haendel ... ! Da marinha mercante ... ! Da marinha ...

Bom. Será tudo uma questão de gramática, como dizia o nosso músico profissional? Conheço um regente de banda que de vez em quando mandava um berro a um ou outro músico mais distraído: "falta-te o Freitas Gazul!". Eu penso que sim, mas a questão parece-me mais grave ainda. Há umas semanas atrás, fiquei esclarecido sobre a próxima, futura, e sei lá que mais, revisão curricular, durante uma excelente reunião sindical na minha Escola. Será que ela dá para vermos os públicos portugueses de partitura na mão daqui por vinte anos?